

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — SÃO PAULO - BRASIL

UMA COLEÇÃO DE BORBOLETAS (LEPID. RHOPAL.)
DO RIO AMAPARÍ (TERRITÓRIO DO AMAPÁ) COM
ANOTAÇÕES TAXONÔMICAS SOBRE RHOPALOCERA
DO BRASIL

HEINZ EBERT

OBSERVAÇÕES GERAIS

Muito pouco se conhece sobre a ropalócero-fauna do Território do Amapá. Uma breve enumeração de 20 espécies de Oyapoque por M. Rosa (1926) e alguns dados dispersos na literatura são tudo o que sabemos de uma fauna que deve compreender pelo menos 600 espécies de lepidópteros diurnos. Esta fauna deve ser de interesse especial do ponto de vista da zoogeografia, pois o Território do Amapá está situado no Escudo Cristalino Guianense, uma entidade geográfica e geológica separada do Escudo Cristalino Brasileiro pela bacia amazônica. Ainda hoje o Território do Amapá e a parte oriental do Estado do Pará (região de Bragança-Belém) estão separados pela larga embocadura do rio Amazonas e de seus tributários. Num passado relativamente curto — na escala do tempo geológico — esta embocadura estendeu-se muito mais para o Oeste, como provam os sedimentos fluviais recentes. A notável diferença das entomofaunas dos lados norte e sul do rio Amazonas, repetidamente mencionada na literatura, leva à conclusão que estas faunas, originadas de uma raiz comum (nos contrafortes orientais dos Andes?) desenvolveram-se com certa independência. A diferença deve atingir seu máximo nos lados da embocadura atual, e cada contribuição ao conhecimento da fauna do Território do Amapá, mesmo incompleta, é pois de interesse.

Tal situação encorajou o autor a publicar os resultados de algumas horas de caça lepidopterológica durante um curto estágio dedicado ao estudo da geologia das rochas cristalinas do rio Amaparí. Ele deve calorosos agradecimentos ao Conselho Nacional de Pesquisas que custeou as despesas da viagem do Recife a Macapá; à Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI) pela recepção hospitaleira na Mina da Serra do Navio e ao Governo do Território, pelo interesse prestado pela delegação do Diretor do Museu Territorial, Sr. Newton Cardoso.

A maior parte das espécies mencionadas foi colecionada nos dias 14, 19 e 21 de novembro de 1959 ao longo da picada que conduz a jazida C 2 (a Leste do velho acampamento da mina da Serra do Navio) à jazida V 4. Esta picada atravessa mata virgem ao norte da própria Serra do Navio, na direção do Oeste para o Leste, numa altitude média de 150 metros. O solo, bastante seco, está constituído de rochas cristalinas profundamente decompostas. Na relação das formas observadas, este lugar é referido pela abreviatura "S.N."

Nas tardes dos dias 15 e 20 de novembro de 1959 foram feitas coletas perto do velho pôrto da mina, Santa Terezinha, a Oeste da vila residencial. A mata nos arredores deste pôrto, atualmente abandonado, é bastante devastada e dificilmente penetrável. O solo é arenoso, úmido perto do rio. Altura aproximada 100 metros; abreviatura "T".

Foi dispendido um dia (23.XI.1959) em coleta de borboletas, 10 kms a Oeste de Pôrto Platon, o velho pôrto na metade do caminho entre Macapá e a mina de manganês. Aqui, numa altitude de aproximadamente 100 metros, a mata é muito devastada pela tirada de dormentes para ferrovia. O solo é arenoso e seco. Abreviatura "P.P.". Algumas espécies dos campos abertos foram observadas perto do próprio pôrto.

Nos seis dias de caça foram encontradas 179 espécies de ropalóceros, aproximadamente 300 exemplares, que se distribuem do modo seguinte:

Brassolidae	2 espécies
Danaidae	15 "
Heliconiidae	10 "
Hesperiidae	24 "
Lycaenidae	25 "
Morphidae	5 "
Nymphalidae	22 "
Papilionidae	2 "
Pieridae	8 "
Riodinidae	45 "
Satyridae	21 "

Para evitar qualquer discussão sobre os possíveis modos de arranjo segundo uma "sequência natural" e para facilitar o encontro de certos nomes, a sequência das famílias, subfamílias, gêneros e espécies é simplesmente alfabética. A nomenclatura usada afasta-se, em numerosos casos, da aplicada no livro clássico sobre a ropalócero-fauna neotrópica, no "Seitz". Apesar de seus incontáveis méritos para uma orientação geral, taxonomia e nomenclatura desta obra magnífica não correspondem, em grande parte, a um nível científico. Foram aplicadas as modificações introduzidas nas monografias de Fox (Danaidae), Brown (Pieridae e Haeterinae), d'Almeida (Pieridae), Kaye (Adelpha, Phyciodes), Evans (Hesperiidae), Stichel (Riodinidae). Algumas propostas taxonômicas novas são discutidas no anexo ("Notas taxonômicas").

Como era de se esperar, foram encontradas algumas espécies e subespécies pela primeira vez em território brasileiro, de preferência formas típicas das Guianas: *Mechanitis limnea* Forbes (Dan. Ithom.), *Trichonis theanus* (Crames; Lyc. Thecl.), *Parides*

panthonus (Stoll) *panthonus* (Stoll; Papil.), *Comphotis irrorata* (Godman; Riöd. Riöd.), *Mesosemia mageta* Hewitson, *bersabana* Stichel (Riöd. Riöd.). Algumas outras espécies novas para o Brasil são, porém, de origem andina e devem ser encontradas, um dia, em outros lugares da Amazônia: *Mesosemia mathania* Schaus (Riöd. Riöd.), *Leucochimona lagora* (Herrich-Schaeffer; Riöd. Riöd.), *Anastrus meliboea* God. & Salv., *meliboea* Godman & Salvin (Hesp. Pyrg.).

Para indicar os comprovantes das formas enumeradas servem as seguintes convenções:

Números em parênteses como (R 2), (S 36), (Hp. 538), etc. são os números de registros de exemplares depositados e definitivamente registrados na coleção do autor.

(+) significa a existência de exemplares comprovantes na coleção do autor, porém, sem número de registro (exemplares muito danificados a serem substituídos por melhores, eventualmente).

(-) significa que a espécie foi reconhecida no campo, que, porém, exemplares não foram capturados.

RELAÇÃO DAS FORMAS OBSERVADAS

BRASSOLIDAE

Opsiphanes cassiae (L.) *cassiae* (Linné, 1758) T. 1 ♀ (+).
invirae (Hb.) *invirae* (Huebner, 1808) T. ♂ (B. 56).

DANAIDAE

LYCOREINAE

Lycorea ceres (Cr.) *ceres* (Cramer, 1776) S.N. 1 ♀ (D.257);
P.P. (-).
pasinuntia (Stoll, 1782) *eva* (Fabricius, 1793) S.N. 1 ♂
(D.258).

ITHOMIINAE

Geletophye mystica (Zikan, 1934) S.N. 1 ♂ (D.259); P.P. (-).
Hypothyris barii (Bates, 1862) T. ♀ (+); P.P. ♂ ♀ (D.260-264).
proemne d'Almeida, 1939 T. ♀ ♀ (D.267-274); P.P. 2 ♀
(D.265-266); nenhum macho desta espécie frequente foi encontrado.
daeta (Boisduval, 1836) *vallonia* (Hewitson, 1852) S.N. 1 ♀
(D.275).
Mechanitis limnaea Forbes, 1930 (ver as notas taxonômicas) P.P.
4 ♀ (D.285-288); T. 3 ♀ (D.289-291); machos não foram encontrados.
pannifera (Butler, 1877); P.P. 2 ♀ (D.276-277); T. 1 ♂ 2 ♀
(D.278-280).
polymnia (L.) *polymnia* (Linné, 1758) P.P. 1 ♂ (+); S.N.
♂ ♀ (-); T. ♂, 3 ♀ (D.281-284).
Melinaea ludovica (Stoll) *ludovica* (Stoll, 1780) (ver as notas taxonômicas) S.N. ♂ ♀ (D.292-294); P.P. ♂ ♀ (-).

- mneme* (Johansson, 1763) P.P. ♂ (D.295); S.N. ♂ (-); T. ♂ ♂ (D.296-301); nenhuma fêmea foi encontrada.
- Napeogenes cyrianassa* (Doubleday & Hewitson, 1848); P.P. 1 ♀ (D.304).
- inachia* (Hewitson, 1855) P.P. 1 ♀ (D.302); S.N. 1 ♀ (D.303).
- Oleria machadoi* d'Almeida, 1962 S.N. 1 ♀ (D.305).
- Tithorea harmonia* (Cr.) *harmonia* (Cramer, 1777) S.N. 1 ♂ (+).

HELICONIIDAE

DRYADINAE

- Agraulis vanillae* (L.) *vanillae* (Linné, 1758) T. 1 ♀ (He. 115).
- Dryadula phaetusa* (L.) *phaetusa* (Linné, 1758) T. ♂ (+); S.N. (-).
- Dryas julia* (Fabr.) *julia* (Fabricius, 1775) S.N. (+); P.P. (-).

HELICONIINAE

- Heliconius antiochus* (Linné, 1767) T. ♂ (He. 113) S.N. (-).
- f. *zobeide* Butler, 1869 T. ♀ (He. 114).
- burneyi* (Hb.) *burneyi* (Huebner, 1827-1831) T. 1 ♂ He. 117).
- catharinae* (Staudinger, 1885) S.N. ♂ (He. 118).
- erato* (L.) *erato* (Linné, 1758) T. ♂ (He. 119) S.N. ♂ ♀ (♀ trans. ad f. *leda* Staudinger, 1897; He. 120).
- wallacei* Reakirt, 1866 (ssp.? f. indiv.? *flavescens* Weymer, 1890) S.N. ♂ (+); P.P. ♂ (He. 121).
- numata* (Stoll) *numata* (Stoll, 1780) T. 1 ♂ (He. 123; trans. ad f. *melanops* Weymer, 1894).
- silvana* (Stoll) *silvana* (Stoll, 1781) P.P. ♂ ♀ (He. 122).
- sara* (Fabricius, 1793) *thamar* (Huebner, 1806) S.N. ♂ (He. 124).

HESPERIIDAE

HESPERIINAE

- Callimormus radiola* (Mab.) *radiola* (Mabille, 1878) S.N. 1 ♂ (Hp. 977).
- Cymaenes alumna* (Butler, 1877) T. ♂ (+); S.N. ♂ (+).
- Parphorus decorus* (Herrich-Schaeffer, 1869) S.N. 1 ♀ (Hp. 979).

O exemplar difere de exemplares típicos pelo maior tamanho e pela existência de alguns pontos amarelos no disco do lado inferior das asas posteriores.

- Polites vibex* (Geyer, 1831) *catilina* (Ploetz, 1886) S.N. 1 ♀ (+).
- Saliana esperi* (Evans, 1955) S.N. 1 ♂ (+).
- Vehilius stictomenes* (Btl.) *stictomenes* (Butler, 1877) S.N. 1 ♀ (Hp. 978).
- Vettius phyllus* (Cr.) *phyllus* (Cramer, 1777) T. 1 ♂ (+).

PYRGINAE

- Aethilla echina* (Hew.) *echina* (Hewitson, 1870) S.N. 1 ♂ (Hp. 971).
- Anastrus meliboea* (Godm. & Salv.) *meliboea* (Godman & Salvin, 1894) (espécie andina, nova para o Brasil) S.N. 1 ♂ (Hp. 973).
- Gorgythion begga* (Prittwitz, 1868) *pyralina* (Moeschler, 1876) S.N. ♂ (Hp. 876).
- Heliopetes arealte* (L.) *arealte* (Linné, 1759) P.P. (no próprio pôrto) ♂ (Hp. 975).
- Marela tamyris* (Mab.) *tamyris* (Mabille, 1903) S.N. 1 ♂ (Hp. 974).
- Morvina morvus* (Ploetz, 1894) *cyclopa* (Evans, 1953) S.N. 1 ♂ (Hp. 972).
- Pellicia dimidiata* (Herr.-Sch.) *dimidiata* (Herrich-Schaeffer, 1870) P.P. ♂ (+).

URBANINAE

- Aguna aurunce* (Hewitson, 1867) S.N. 1 ♀ (Hp. 969).
- Astrartes fulgurator* (Walch) *fulgurator* (Walch, 1775) S.N. 1 ♀ (Hp. 966).
- granadensis* (Moeschler, 1878) S.N. ♂ (Hp. 967).
- Autochthon neis* (Geyer, 1832) T. 1 ♀ (+).
- Chioides catillus* (Cr.) *catillus* (Cramer, 1779) S.N. 1 ♀ (+).
- Chrysoplectrum perniciosum* (Herr.-Sch.) *perniciosum* (Herrich-Schaeffer, 1869) S.N. 1 ♀ (Hp. 970).
- Dyscophellus euribates* (Stoll) *euribates* (Stoll, 1782) S.N. 2 ♀ (Hp. 964, 965).
- Phareas coeleste* Westwood, 1852 S.N. (-).
- Proteides mercurius* (Fabr.) *mercurius* (Fabricius, 1787) S.N. 1 ♂ (Hp. 968).

Um indivíduo da S.N. não pôde ser determinado; trata-se aparentemente de um novo gênero e uma nova espécie, cuja descrição será adiada para outra oportunidade.

O número de espécie e indivíduos de HesperIIDae era surpreendentemente pequeno. Em qualquer mata do Nordeste, do Centro ou do Sul do Brasil o número de HesperIIDae capturado em número igual de dias teria sido muito maior. Nenhum exemplar da sub-família Pyrrhopyginae foi observado.

LYCAENIDAE

PLEBEIINAE

- Hemiargus hanno* (Stoll, 1790) P.P. (no próprio pôrto; -).

THECLINAE

- "*Thecla*" *adela* Staudinger, 1888 S.N. ♂ (L. 2) (ver as notas taxonômicas).

- aetolus* (Sulz.) *aetolus* (Sulzer, 1776) S.N. ♂ (L. 7, 20).
aruma Hewitson, 1877 S.N. ♂ (L. 8, 9).
beon (Stoll, 1780) T. ♂ (L. 26).
carnica Hewitson, 1871 S.N. 1 ♂ (L. 24).
celmus (Cramer, 1777) T. ♀ (+); S.N. ♂ ♀ (L. 23).
cerata Hewitson, 1877 P.P. ♂ (L. 18); S.N. ♂ (+).
falerina Hewitson, 1867 S.N. 1 ♂ (L. 3).
hemon (Cramer, 1775) S.N. ♂ (+).
hesperitis (Butler & Druce, 1872) S.N. 1 ♂ (+).
mavors (Huebner, 1818) S.N. ♀ (+).
munditia Druce, 1907 S.N. 1 ♀ (+).
ophia Hewitson, 1873 S.N. 1 ♀ (L. 27).
orcilla Hewitson, 1874 P.P. 1 ♀ (L. 25).
parvinota Kaye, 1904 S.N. 2 ♂ (L. 6, +) (ver as notas taxonômicas).
pholeus (Cr.) *pholeus* (Cramer, 1777) S.N. 1 ♀ (+).
puppius Godm. & Salv., *puppius* Godman & Salvin, 1887 S.N. 2 ♂ (L. 16, 17) (ver as notas taxonômicas).
satyroides Hew., *satyroides* Hewitson, 1869 T. 1 ♂ (L. 21) (ver notas taxonômicas).
spurina Hew., *spurina* Hewitson, 1867 P.P. 1 ♀ (L. 5) (ver as notas taxonômicas).
strophon (Fabricius, 1775) S.N. 1 ♂ (L. 22).
syncellus (Stoll, 1780) S.N. 1 ♀ (L. 4).
temesa Hewitson, 1868 P.P. 1 ♂ (L. 10).
vesulus (Stoll, 1782) P.P. ♂ ♀ (L. 11); S.N. ♂ ♀ (L. 12-15, 19).

Trichonis theanus (Cramer, 1777) S.N. 1 ♀ (L. 1).

A ocorrência desta rara espécie guianense, na Guiana Brasileira, não surpreende. O único exemplar observado estava pousado num tronco, não numa folha como é o costume das Theclinae.

Na coleção do Sr. Paulo Gagarin, no Rio de Janeiro, encontram-se exemplares desta espécie de São Paulo de Olivença e de Santarém. A segunda procedência parece duvidosa pois o rio Amazonas costuma ser o limite meridional das espécies guianenses.

MORPHINAE

- Morpho achilles* (L.) *achilles* (Linné, 1758) S.N. ♂ ♀ (M. 39, 40); P.P. ♂ ♀ (-).
adonis (Cramer, 1776) S.N. ♂ (-); P.P. ♂ (-).
menelaus (Linné, 1758) subspec. indet. P.P. (-); S.N. (-).
metellus (Cramer, 1779) (parcialmente a forma azulada, parcialmente a forma amarelada) S.N. ♂ (-); P.P. ♂ (-) (ver as notas taxonômicas).
rhetenor (Cramer, 1775) subspec. indet. P.P. ♂ (-).

NYMPHALIDAE

BIBLINAE

Biblis hyperia (Cramer, 1779) T. 1 ♂ (N. 561). O único exemplar capturado tem a faixa de côr escarlate muito larga, como na f. *laticlavata* (Thiemé, 1904).

CHARAXINAE

Anaea morvus (Fabr.) *morvus* (Fabricius, 1775) S.N. 1 ♀ (N. 553).
Prepona demophon (L.) *demophon* (Linné, 1758) S.N. ♂ ♀ (N. 563).

COLOBURINAE

Colobura dirce (Linné, 1758) S.N. (—) P.P. (—).

EPIPHILINAE

Catonephele antinoe (Godart, 1821) S.N. 1 ♀ (N. 560; no prédio do Clube) (ver as notas taxonômicas).

numilia (Cr.) *numilia* (Cramer, 1777) S.N. 1 ♂ (N. 559; no prédio do Clube).

Nessaëa batesii (Felder, 1860) S.N. 1 ♂, 1 ♀ (N. 557, 558).

Temenis laothoe (Cramer, 1777) *pseudolaothoe* Fruhstorfer, 1907 (ver as notas taxonômicas). P.P. 1 ♀ (N. 552).

HAMADRYADINAE

Hamadryas feronia (Linné, 1758) S.N. (—).

Panacea sp. indet. Um exemplar de uma espécie dêste gênero foi visto no prédio do Clube, pousado na parede branca. A côr do lado inferior das asas posteriores era encarnada. A mesma atitude de repouso descreve Bates (1864:213) da espécie *prola* (Doubleday & Hewitson, 1850). Segundo a côr descrita pode-se tratar também da espécie *regina* (Bates, 1864). Em todo caso, a ocorrência de uma espécie de *Panaceaea* no Território do Amapá é notável, pois até agora êste gênero era conhecido somente da parte ocidental da região amazônica.

LIMENITINAE

Adelpha cocala (Cr.) *cocala* (Cramer, 1779) S.N. ♂ (N. 555).

cytherea (L.) *cytherea* (Linné, 1758) S.N. (—).

iphiclus (L.) *iphiclus* (Linné, 1758) S.N. 1 ♂ (N. 554).

juruaana Butl., *juruaana* Butler, 1877 S.N. 1 ♂ (+).

mesentina (Cramer, 1777) S.N. 1 ♀ (N. 556; no prédio do Clube).

Dynamine athemon (L.) *athemon* (Linné, 1758) S.N. ♂ ♀ (N. 565).

gisella (Hewitson, 1852) (??) S.N. 2 ♀ (N. 566, 567) (Determinação duvidosa pela falta de ♂ ♂).

MARPESINAE

Marpesia crethon (Fabricius, 1777) S.N. ♀ (+).

MELITAEINAE

Eresia eunice (Hb.) *eunice* (Huebner, 1807) P.P. 1 ♂ (+).

Phyciodes liriopoe (Cr.) *liriopoe* (Cramer, 1775) T. ♂ (N. 564).

NYMPHALINAE

Anartia jatrophae (Johansson, 1763) T. ♀ (+).

Metamorpha stelenes (Linné, 1758) P.P. (-) S.N. ♂ ♀ (N. 562).

PAPILIONIDAE

Parides panthonus (Stoll) *panthonus* (Stoll, 1780) S.N. 1 ♂ (Pa. 140).

Provavelmente o primeiro exemplar desta subespécie guianense capturado em território brasileiro.

vertumnus (Cr.) *vertumnus* (Cramer, 1779) S.N. 1 ♂, 1 ♀ (Pa. 141, 142) P.P. 2 ♀ (Pa. 143, 144) (ver as notas taxonômicas).

PIERIDAE

COLIADINAE

Eurema albula (Cramer, 1775) S.N. ♂ ♀ (Pi. 59, 60); P.P. (-).

Leucidia brephos (Huebner, 1809) S.N. ♂ ♀ (Pi. 1, 2).

Phoebis argante (Fabr.) *argante* (Fabricius, 1775) T. 1 ♀ (Pi. 56); S.N. (-).

philea (Joh.) *philea* (Johansson, 1763) S.N. (-).

sennae (L.) *sennae* (Linné, 1758) P.P. (-); S.N. (-); T. 1 ♂ (Pi. 57).

DISMORPHINAE

Dismorphia amphinoe (Cramer, 1779) P.P. 1 ♀ (Pi. 3).

pinthous (Linné, 1758) P.P. ♂ ♀ (Pi. 51 - 53) N.S. ♂ ♀ (Pi. 54, 55, 61, 62).

As fêmeas eram muito menos frequentes do que os machos.

PIERINAE

Clutophrissa drusilla (Cr.) *drusilla* (Cramer, 1777) T. 1 ♀ (Pi. 58).

RIODINIDAE

EUSELASHINAE

- Euselasia euboea* (Hew.) *euboea* (Hewitson, 1852) S.N. 1 ♀ (R. 3).
euriteus (Cr.) *euriteus* (Cramer, 1777) P.P. 1 ♂ (+).
gelanor (Stoll) *gelanor* (Stoll, 1780) S.N. 1 ♂ (R. 9).
mys (Herr.-Sch.) *mys* (Herrich-Schaeffer, 1853) P.P. 1 ♀ (R. 4).
orfita (Cramer, 1777) *cuprea* Lathy, 1926 S.N. ♂ (R. 8).
uria (Hewitson, 1852) P.P. ♂ ♀ (R. 5, 6).
Methone cecilia (Cr.) *cecilia* (Cramer, 1777) P.P. 1 ♀ (R. 7).

RIODININAE

- Amarynthis meneria* (Cramer, 1776) S.N. 1 ♂ (R. 17; f. *micalia* (Cramer, 1776) 1 ♀ (+; f. *coccitincta* Seitz, 1917).
Ancyluris aulestes (Cr.) *aulestes* (Cramer, 1777) P.P. ♂ (R. 14).
Audre epulus (Cr.) *epulus* (Cramer, 1775) P.P. (—; no próprio pôrto).
Charis argyrea (Bates, 1868) S.N. ♂ ♀ (R. 54, 55).
Charis cleonus (Stoll, 1781) P.P. ♂ (R. 51, 52) S.N. ♂ ♀ (Pi. 53).
Comphotis irrorata (Godman, 1903) S.N. 1 ♀ (R. 50). (Esta espécie guianense não era conhecida do Brasil, até agora).
Echenais huebneri (Butler, 1876) T. 1 ♀ (R. 42).
penthea (Cr.) *penthea* (Cramer, 1777) S.N. ♂ ♀ (R. 43-48, 74).

As fêmeas eram mais frequentes do que os machos.

- Eunogyra curupira* (Bates, 1868) S.N. 1 ♂ (R. 26).
Eurybia halimede (Hb.) *halimede* (Huebner, 1807) S.N. ♂ ♀ (+).
caerulescens Druce, 1904, *lauta* Stichel, 1910 S.N. ♂ ♀ (R. 1, 2) (ver as notas taxonômicas).
Leucochimona lagora (Herrich-Schaeffer, 1860) S.N. ♂ (R. 21) (Provavelmente novo para o Brasil).
Mesene epaphus (Stoll, 1780) T. 1 ♀ da f. *albiplaga* Seitz, 1917 (R. 20).
Mesosemia mageta Hewitson, 1860, *bersabana* Stichel, 1910 (esta subespécie guianense é nova para o Brasil) T. 1 ♂ (R. 62); P.P. 1 ♂ (R. 61).
maeotis Hewitson, 1859 S.N. 1 ♂ (R. 63) (ver as notas taxonômicas).
mathania Schaus, 1902 (??) S.N. ♂ (R. 65-68) (Novo para o Brasil) (ver as notas taxonômicas).
melaene Hewitson, 1859 P.P. 1 ♀ (R. 64).
methion Hewitson, 1860 (??) P.P. 1 ♀ (R. 69) (ver as notas taxonômicas).
naiadella Stichel, 1909, *oreas* Stichel, 1905 S.N. 1 ♀ (R. 60).

- Metacharis lucius* (Fabricius, 1793) P.P. 1 ♂ (R. 49).
Napaea eucharila (Bates) *eucharila* (Bates, 1867) T. 1 ♀ (+); P.P. 1 ♂ (R. 19; f. *frustatoria* Stichel, 1910).
Nymphidium acherois (Boisd.) *acherois* (Boisduval, 1836) S.N. (R. 27).
baeotia Hewitson, 1852 T. ♂ ♀ (+); P.P. ♂ ♀ (R. 37, 38); S.N. ♂ ♀ (R. 39-41).
cachrus (Fabr.) *cachrus* (Fabricius, 1787) T. ♂ ♀ (+); S.N. ♂ ♀ (R. 32-36, 71, 72).
caricae (L.) *caricae* (Linné, 1758) T. ♂ (+); S.N. ♂ ♀ (R. 28-30, 73).

As fêmeas eram menos frequentes do que os machos.

- mantus* (Cramer, 1775) T. 1 ♀ (R. 76).
menalcas (Stoll) *menalcas* (Stoll, 1782) P.P. ♂ (R. 31); S.N. ♂ (+).
omois Hewitson, 1865 S.N. ♂ (R. 24).
Perophtalma tullius (Fabr.) *tullius* (Fabricius, 1787) S.N. 1 ♂ (R. 22).
Semomesia capanea (Cr.) *capanea* (Cramer, 1779) S.N. ♂ ♀ (R. 57-59).
Stalactis phaedusa Huebner, 1809-1813, *exul* Seitz, 1917 P.P. ♀ (R. 10); S.N. ♀ (R. 11-13); T. ♂ ♀ (R. 75).

Os machos muito mais raro do que as fêmeas.

- Synargis abaris* (Cramer, 1776) S.N. 1 ♂ (R. 18).
lamis (Stoll) *lamis* (Stoll, 1780) P.P. 1 ♀ (+); S.N. 1 ♀ (+).
ochra (Bates, 1868) *menalcidas* (Seitz, 1917) S.N. 1 ♂ (+).
quinque (Weeks, 1906) P.P. ♂ ♀ (R. 26) (ver as notas taxonômicas).
tytia (Cr.) *tytia* (Cramer, 1777) S.N. 1 ♂ (R. 15); T. 1 ♀ (R. 16).
Tharops hebrus (Cr.) *hebrus* (Cramer, 1775) T. 1 ♀ (R. 23).
Theope foliorum Bates, 1868 S.N. 1 ♀ (R. 56).

O único exemplar tem muitas escamas azuis no lado superior de ambas as asas; esta forma merece eventualmente de um nome.

SATYRIDAE

EUPTYCHIINAE

- Euptychia batesii* Butl., *batesii* Butler, 1866 P.P. 1 ♀ (S 43); S.N. 1 ♂ (S 44).
calpurnia (Felder, 1867) S.N. 1 ♀ (S 40).
helle (Cramer, 1777) P.P. ♂ ♀ (S 48-50); S.N. ♂ ♀ (S 51).
hermes (Fabricius, 1775) P.P. (-); S.N. ♂ (S 47).
herseis (Godart, 1823) S.N. ♂ (S 52, 53) (ver as notas taxonômicas).

hiemalis Butler, 1867 S.N. ♂ (S 41).

lea (Cramer, 1777) S.N. 1 ♂ (+).

libye (Linné, 1767) S.N. ♀ (S 45, 46).

marica Weymer, 1911 P.P. 1 ♂ (+); S.N. ♂ (S 54, 55).

ocirrhoe (Fabr.) *ocirrhoe* (Fabricius, 1777) P.P. ♂ ♀ (+); S.N. ♂ ♀ (S 39).

ocypete (Fabricius, 1776) S.N. ♂ ♀ (S 56, 57).

penelope (Fabricius, 1775) S.N. ♂ ♀ (S 58-61).

terrestris Butler, 1866 P.P. 1 ♂ (S 62); S.N. ♂ (S 63).

westwoodii Butl., *westwoodii* Butler, 1866 S.N. ♂ (S 42) (ver as notas taxonômicas).

Taygetis thamyra (Cramer, 1779) P.P. ♂ ♀ (S 13) (ver as notas taxonômicas).

HAETERINAE

Cithaeria philis (Stoll, 1782) S.N. ♂ (S 14) (ver as notas taxonômicas).

Haetera philis (L.) *piera* (Linné, 1758) S.N. (-); P.P. 1 ♀ (S 1).

Pierella hyalinus (Gmel.) *hyalinus* (Gmelin, 1790) S.N. (-); P.P. (-).

lamia (Sulz.) *lamia* (Sulzer, 1776) P.P. (-); S.N. ♂ ♀ (S 64) (ver as notas taxonômicas).

lena (L.) *lena* (Linné, 1767) S.N. (-) (ver as notas taxonômicas).

SUBFAMÍLIA IGNOTA

Bia actorion (Clerck, 1764) S.N. ♂ ♀ (+; 1 ♂ = f. *decaerulea* Weymer, 1912).

NOTAS TAXONÔMICAS SÔBRE RHOPALOCERA DO BRASIL

DANAIIDAE

ITHOMIINAE

Mechanitis limnaea Forbes, 1930: As sete fêmeas capturadas variam muito na asa anterior em forma e comprimento da faixa dorsal, em forma e tamanho das manchas centrais e na extensão da faixa amarela pós-mediana. Os cinco desenhos da figura 1 ilustram esta variação. Só duas características são constantes: a mancha pós-celular possui sempre duas pontas voltadas para a faixa amarela pós-mediana, das quais a superior é maior, e a área preta apical sempre possui algumas prolongações ponteagudas no limite contra esta faixa. Forbes não menciona nenhuma destas características, na sua descrição original de 1930, e o exemplar representado em 1948 (est. 1, fig. 8) também não as mostra. Os exemplares do Amapá constituem, pois, talvez, uma subespécie diferente da monotípica que vòa nas partes setentrionais das Guianas.

Melinaea ludovica (Stoll, 1780): Este nome tem de substituir o melhor conhecido de *Mel. egina* (Cramer, 1777), pois, *Papilio egina* Cramer, 1777 é um homônimo de *Papilio egina* Cramer, 1775 (Kirby, 1871: 134).

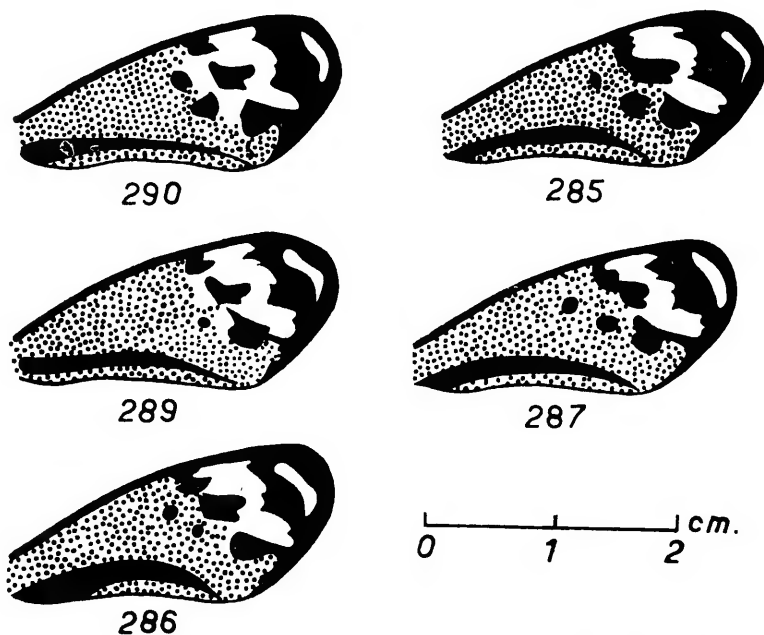


Fig. 1: Cinco fêmeas de *Mechanitis limnaea* Forbes, 1930 (ssp. nova?) (Lado superior da asa anterior). (As três tonalidades representam cor negra, castanha clara e amarela, respectivamente).

LYCAENIDAE

THECLINAE

"*Thecla*" auct. Estamos convencidos de que as centenas de espécies neotropicals reunidas geralmente sob a denominação "*Thecla*" não são congênericas entre si e provavelmente nenhuma delas é congênerica com *Papilio betulae* Linné, 1758, o tipo do gênero *Thecla*. Até ser realizada uma revisão geral do grupo, a denominação "*Thecla*" é usada aqui no sentido convencional de "gênero insuficientemente estabelecido da subfamília Theclinae".

"*Thecla*" *adela* Staudinger, 1888: A descrição desta espécie por Draudt ("Seitz", vol. 5, p. 781) é errada. Boas porém, são as figuras do macho em Staudinger (1884-1888, est. 97), e da fêmea em "Seitz", vol. 5, est. 151, linha d.

"*Thecla*" *parvinota* (Kaye, 1904): *Siderus parvinotus* Kaye (1904: 195-196) foi colocada posteriormente pelo próprio autor

(1921: 97-98) como sinônimo de "*Thecla*" *leucophaeus* (Huebner, 1808-1813). É, porém, bastante diferente desta espécie muito distribuída e parece ser uma espécie endêmica das Guianas; a tabela mostra as diferenças:

	<i>leucophaeus</i>	<i>parvinota</i>
Côr do fundo do lado superior	Azul metálico	Azul muito escuro
Termen da asa anterior	Risco preto estreito até o apex	A faixa preta aumenta para o apex
Dorsum da asa posterior até a veia submediana	Cinzeno claro, quase branco	Cinzeno escuro com algumas escamas azuis
Linha pós-mediana da asa anterior (lado inferior)	Suavemente curva-da para a costa	Fortemente curva-da para a costa
Linha branca que acompanha distalmente a linha pós-mediana da asa posterior (lado inferior)	Estreita	Grossa

"*Thecla*" *puppius* Godman & Salvin, 1887: A "espécie" *pisidula* Druce, 1907, nada mais é que uma subespécie meridional de *puppius* o que nos obriga a usar *puppius* também como nome subespecífico.

"*Thecla*" *satyroides* Hewitson, 1869: Também para *satyroides* existe uma subespécie meridional, descrita como "espécie": "*Thecla*" *aganippe* Goodson (1945:170).

"*Thecla*" *spurina* Hewitson, 1867: Também nesta espécie, a forma do Sul do Brasil é subespecificamente diferente da forma do Norte e Nordeste do Brasil: *carioca* subsp. n.: O ♂ desta forma meridional difere da forma típica pela cor muito mais clara do lado inferior, a ♀ pela coloração azul da superfície que é mais intensa e menos difusa e termina, nas asas posteriores, nitidamente na veia M_2 , deixando a parte costal escura. Holótipo (♂) do Pão de Açúcar (Estado da Guanabara, 150 m, 5.VII.1952; L. 406), Alótipo (♀) de Santa Teresa (GB, 100 m, 2.IV.1953; L. 400). 5 ♂♂, 10 ♀♀ parátipos de Santa Teresa, Pão de Açúcar e Restinga da Tijuca (GB; L. 396-399, 401-405, 407-411, 425).

MORPHIDAE

Morpho achilles (L.) *achilles* (Linné, 1758): Este nome deve ser aplicado a tôdas as ocorrências na Amazônia Brasileira ao lado do Norte do rio Amazonas. A "subespécie" *amazonicus* Fruhstorfer, 1907 (de Óbidos) é um sinônimo desnecessário — como aliás, a maior parte dos nomes "subespecíficos" criados por Fruhstorfer na fauna neotrópica. A forma que voa ao lado sul do rio Amazonas, p. ex., nos arredores de Belém (Pará), parece porém,

constituir uma subespécie diferente. A separação da forma *achillaena* (Huebner, 1823) e das formas correlatas, é, na opinião do autor, apenas de caráter subespecífico e não específico.

Morpho metellus (Cramer, 1779) é o nome válido para a espécie geralmente conhecida sob o nome de *perseus*, pois, *Papilio perseus* Cramer, 1776, é um homônimo de *Papilio perseus* Fabricius, 1775 (Kirby, 1871: 88).

NYMPHALIDAE

EPIPHILINAE

Catonephele antinoe (Godart, 1821): Desta espécie, não rara em toda região amazônica, parece não existir uma figura do ♂, pois, o exemplar da est. 98, linha d, fig. 3 no "Seitz" ("*antinoe* ♂") representa um macho típico de *Cat. chromis* (Doubleday & Hewitson, 1849), enquanto a última figura da mesma linha ("*chromis*

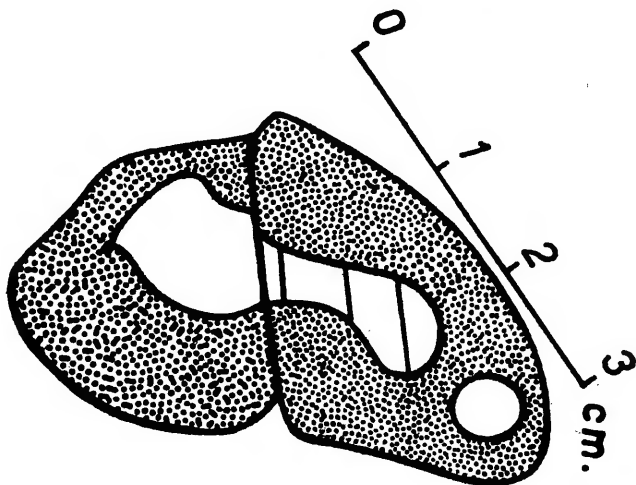


Fig. 2: Lado superior de um macho típico de *Catonephele antinoe* God. A área pontilhada é de cor marrom muito escura até preta; a área clara é, na natureza, de cor alaranjada.

♂") representa um macho de *chromis* com faixa alaranjada bem mais estreita do que o normal. O macho de *antinoe* não tem o ápice prolongado das asas anteriores de *chromis*, mas um termen quase retilíneo, como na figura de "*salacia* ♂" da mesma estampa. A forma muito típica do desenho alaranjado consta na fig. n.º 2.

Temenis laothoe (Cramer, 1775): Nesta espécie existe a maior confusão taxonômica possível, pois, dos nomes velhos dados por Cramer e Fabricius, só um (*laothoe* Cr.) pode ser usado, enquanto todos os outros são homônimos, como mostra a seguinte tabela:

Papilio ariadne Cramer, 1777 = homônimo de *Papilio ariadne* Linné, 1767 (Kirby, 1871:195)

Papilio merione Fabricius, 1781 = homônimo de *Papilio merione* Cramer, 1777 (*Ibidem*:195)

Papilio agatha Fabricius, 1787 = homônimo de *Papilio agatha* Stoll, 1780 (*Ibidem*:242)

Papilio liberia Fabricius, 1793 = homônimo de *Papilio liberia* Cramer, 1779 (*Ibidem*:468)

O agrupamento e a descrição das formas conhecidas até 1931 por Roeber no "Seitz" (p. 476-477) são confusos. Não queremos dar, neste lugar, novos nomes aos homônimos acima mencionados, pois, isto caberia a quem faz uma revisão dos *Temenis* da região amazônica-guianense. A única fêmea capturada na Serra do Navio, pertence à ssp. *pseudolaothoe* Fruhstorfer, 1907.

É bem possível que também nesta área existam duas espécies, como é claramente o caso no Brasil oriental, onde temos uma espécie muito frequente e outra, muito rara. A última foi chamada *huebneri* por Fruhstorfer (1907:232) e é conhecida até agora de Pernambuco (Fruhstorfer 1912:14, e observações próprias), Minas Gerais (Fruhstorfer, 1907:230), São Paulo (Fruhstorfer, 1912:14) e Santa Catarina (coll. do autor). Típica é a côr avermelhada do fundo da asa anterior (lado superior). A subdivisão em três subespécies por Fruhstorfer (l.c.) é muito duvidosa. A descrição de *huebneri* por Roeber ("Seitz": 477) é tão errada ("fundo amarelo dourado") como a sua inclusão em *laothoe*.

A outra espécie vôa da Paraíba até Santa Catarina em três subespécies bem definidas: *bahiana* Fruhstorfer, 1907, da Paraíba até Bahia (só na faixa costeira); *santina* Fruhstorfer, 1907, do Espírito Santo até São Paulo, também na faixa litorânea e, muito isolado desta área, no Norte de Goiás (Pedro Afonso, Rio Tocantins, Set. 1962, 1 ♂, 1 ♀; N. 611, 612); finalmente, *meridionalis* ssp. n. no interior de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Paraguai e Misiones, atingindo o litoral de Santa Catarina. As duas últimas subespécies não foram separadas por Fruhstorfer na sua descrição original, de *santina* (1907:231), na qual êle menciona 3 ♂ e 1 ♀ do Paraguai. Restringimos o nome de Fruhstorfer para a forma do Espírito Santo, Rio e o litoral de São Paulo. As diferenças destas subespécies são:

	<i>santina</i>	<i>meridionalis</i>
Desenho apical das asas anteriores	Apex marrom, faixa subapical marrom até marrom escuro; mancha clara incluída, muito pequena	Apex marrom, faixa subapical marrom muito escura até preta; mancha grande, distalmente difusa.
Faixa clara proximal da faixa subapical escura (termina na veia discocelular).	Quasi invisível no ♂, visível, mas normalmente muito difusa na ♀	Fraca, mas visível no ♂, forte e mais nitidamente limitada na ♀

Os exemplares mais escuros de *santina* podem ser iguais aos mais claros de *meridionalis*. Comparadas em séries, as duas subespécies destacam-se nitidamente. A subespécie do Nordeste,

bahiana, é mais clara ainda do que *santina*: Desenho apical fraco, difuso, às vêzes invisível no ♂, nunca preto na ♀ e marrom escuro só em casos extremos. Assim, esta forma destaca-se muito de *huebneri*, que vò na mesma área e tem desenhos pretos.

Holótipo ♂ de *meridionalis*: Cordeirópolis (São Paulo; 600 m), 114. 1963 (N. 576).

Alótipo ♀ de Rio Claro (SP, 600 m), 23.V.1963 (N. 577)
20 ♂♂ e 13 ♀♀ parátipos de Rio Claro, Cordeirópolis, Itirapina, Pres. Epitácio, São Paulo, Indiana (SP), Itatiaia (700-1100 m, Rio de Janeiro), Campo Viera (Terr. de Misiones, Argentina), Villarica (Paraguai), Januária (Rio S. Francisco, Minas Gerais), Joinville, Hammonia (Santa Catarina), Rolândia, Londrina (Paraná); datas de Fevereiro a Dezembro, pois vò o ano inteiro, porém muito raro no inverno (N. 578-610).

PAPILIONIDAE

É inútil a aplicação, para o primeiro grupo dos "*Papilio aristolochia*", do nome *Atrophanoura* Reakirt, 1864, usado por autores recentes como Hayward (1951) e Forster (1955) nas suas faunas da Argentina e Bolívia respectivamente. Como já d'Almeida tem demonstrado (1942:29-30), o nome válido mais velho para as espécies neotropicais dêste grupo é *Parides* Huebner, 1819, com o tipo *Princeps echelus* Huebner, 1815, segundo escolha de Scudder (1875:241).

Parides vertumnus (Cr.) *vertumnus* (Cramer, 1779): As diferenças entre a forma típica das Guianas, *vertumnus* (Cr.) e a forma de Óbidos e outras localidades ao lado Norte do Rio Amazonas, para a qual Rothschild & Jordan (1906:471) aplicam o nome de *diceros* (Gray, 1852), são (3) pouco significativas e inconstantes. Propomos pois, tratar *diceros* (Gray, 1852) como simples sinônimo de *vertumnus* (Cramer, 1779).

RIODINIDAE

RIODININAE

Eurybia caerulescens Druce, 1904, *lauta* Stichel, 1910: O *Papilio lamia* Cramer, 1777 é um homônimo de *Papilio lamia* Sulzer, 1776 (Kirby, 1871:37). O nome válido da espécie é *caerulescens* Druce. Para a subespécie das Guianas e da Amazônia setentrional, considerada até agora como "*lamia típica*", deve ser usado o nome de *lauta* Stichel, pois, esta "forma" é um sinônimo absoluto de *lamia* Cramer.

Mesosemia maeotis Hewitson, 1859: O tipo de Hewitson é uma fêmea. Sobre o macho pertencente a esta fêmea existem dúvidas. Stichel (1909:4) descreveu como macho de *maeotis* um exemplar com as linhas transversais completas, análogas às da fêmea. Seitz (Macrolep., vol. 5, est. 125, linha i, fig. 2) reproduz um exemplar masculino com linhas transversais reduzidas nas asas posteriores (três linhas completas e o início da quarta). Esta figura é interpretada por Stichel (1929:122) como macho da espécie *eugenea* Stichel, 1910. Esta interpretação deve estar errada pois *eugenea* tem nas asas anteriores um desenho muito diferente (Stichel, 1911: est. 24, fig. 6 b). O exemplar masculino da Serra do Navio é muito semelhante à figura de Seitz porém, também, a quarta linha

transversal das asas posteriores é completa e a quinta está indicada na costa. O exemplar possui, dêste modo, uma posição intermediária entre os de Stichel e de Seitz. Devemos concluir que a extensão das linhas transversais nas asas posteriores dos machos de *maeotis* Hew. é bastante variável. A grande raridade da espécie impede um estudo mais pormenorizado.

Mesosemia mathania Schaus, 1902: Os quatro exemplares de *Mesosemia* interpretados provisoriamente como *mathania* Schaus diferem do tipo desta espécie (reproduzido por Stichel, 1915: est. 22, fig. 14) pelo tamanho menor. Um exemplar possui uma mancha branca no meio da margem externa das asas posteriores, não conhecida em *mathania*. Eventualmente trata-se de uma espécie nova. Hesitamos, porém, em dar nomes novos num gênero tão sobrecarregado, taxonômicamente, como é *Mesosemia*.

Mesosemia methion Hewitson, 1860: A única fêmea interpretada provisoriamente como *methion* Hewitson difere do tipo desta espécie pelo tamanho maior e pela falta dos nós escuros antes da margem externa das asas posteriores. Aplica-se a observação feita na espécie anterior.

Synargis Huebner, 1819: Os nomes genéricos *Peplia* Huebner, 1819 e *Nymula* Boisduval, 1836, não podem ser usados no sentido de Stichel (1930:700, 705), pois o tipo de *Peplia* Hb. é *Papilio caricae* Linné, 1758 (seleção do tipo por S. H. Scudder 1875:244) e esta espécie é também o tipo de *Nymphidium* Fabricius, 1807, segundo a escolha do tipo por G. R. Grotch (1872:66). O tipo de *Nymula* Boisd. é, por monotipia, *Nymula gnosis* Boisduval, 1836, um sinônimo de *Papilio tytia* Cramer, 1777, espécie escolhida por Scudder (1875:273) como tipo do gênero *Synargis* Huebner, 1819. Dêste modo, *Nymula* Boisd. é um sinônimo de *Synargis* Hb., *Peplia* Hb. um sinônimo de *Nymphidium* Fabr. As diferenças do pequeno grupo de fêmeas reunidas por Stichel no gênero *Peplia* Hb. em relação às espécies de *Nymula* Boisd. não são significativas. É conveniente, pois, reunir tôdas as espécies citadas por Stichel em *Peplia* e *Nymula* no gênero *Synargis* Hb.

Synargis quinone (Weeks, 1906) e *menalcidas* (Seitz, 1917): Não é possível seguir as propostas de Seitz (vol. 5, p. 712) e Stichel (1930:717), de reunir estas formas com *agle* (Hewitson, 1852). Também *cavifascia* (Butler, 1877) não pode pertencer a *agle* (Hewit.), nem como "forma" ("Seitz", l.c., p. 712) nem como sinônimo (Stichel, 1930:31, 716). *Menalcidas* (Seitz) deve ser uma forma (subespécie ?) de *ochra* (Bates, 1868) e *quinone* (Weeks) uma espécie própria, de uma grande área de ocorrência, mas sempre rara.

SATYRIDAE

HAETERINAE

OBSERVAÇÕES SÔBRE O GÊNERO *Cithaerias* Hb.

Nossos estudos sôbre êste gênero levaram-nos a modificar, em alguns pontos, as idéias proferidas por R. F. d'Almeida (1951: 493-505).

Cithaerias andromeda (Fabricius, 1775): Não concordamos com a opinião do colega de que a descrição de Fabricius em 1775 seja insuficiente para ser interpretada, sem deixar dúvidas. A

indicação "Alae posticae ad marginem posticum cum litura parva, coerulea" pode se referir somente às formas conhecidas como *esmeralda* (Doubleday, 1845) e *bandusia* (Staudinger, 1887), mas nunca à *philis* (Stoll, 1782) que possui a cor azul estendida sobre a maior parte da asa, não restrita a uma "litura parva". Na época de Fabricius, material de Maués, a localidade típica de *bandusia* (Stg.), não pode ter chegado à Europa, enquanto era bem possível que coleções vieram de Belém. Assim, *esmeralda* (Dbl.) é a única espécie que pode corresponder a *andromeda* (F.), e podemos seguir o exemplo de Kirby (1871:36) que considerou *esmeralda* como sinônimo de *andromeda*. O uso diferente do nome "*andromeda*" por Fabricius em 1793, não necessita de discussão pois só a primeira descrição interessa.

Cithaerias aurora (Felder, 1862): Na interpretação da descrição original desta espécie também não podemos concordar com o ilustre colega. Quando, no primeiro parágrafo da descrição Felder diz "Nostrum specimen ex antiqua collectione Sylvii van Lennep..." ele não se refere a sua nova espécie *aurora*, como supõe d'Almeida, mas à espécie *philis* (Stoll) a qual ele comparou com *pireta* (Stoll, 1780) na frase anterior "Cellulae ejus...". Neste parágrafo Felder quer mostrar somente que, ao seu ver, *philis* (Stoll) é especificamente diferente de *pireta* (Stoll). A verdadeira descrição da espécie *aurora* começa só no segundo parágrafo ("Species nostra..... in tota Columbia et Brasilia borealis provenit") e continua no terceiro, no qual Felder diz que recebeu dois machos de Bates e outros de toda região do rio Negro. As dúvidas sobre o sexo do tipo, proferidas por d'Almeida não são, pois, justificadas. A indicação "alarum posticarum regio posterior haud purpureo sed pallide lilacino" e a comparação com *philis* mostram claramente que *aurora* não pode pertencer ao grupo das espécies com cor rosa nas asas posteriores (*menander*, *aurorina*, *pyritosa*, *phantoma*) no qual sempre foi incluída. Deve porém, pertencer ao grupo das espécies com cor lilás nas asas posteriores (*philis*, *andromeda*) e provavelmente nada mais é que uma subespécie ocidental de *philis*, espécie típica para o lado norte do rio Amazonas, ou um simples sinônimo de *philis* (Stoll), pois Felder viu só um exemplar velho desta espécie, como ele próprio diz.

Cithaerias juruensis d'Almeida (1951:499, est. 2, fig. 5) deve ser um sinônimo de *Callitaera aura* Langer, 1943.

OBSERVAÇÕES SOBRE O GÊNERO *Pierella* Westw.

Pierella lena (Linné, 1758) *brasiliensis* (Felder, 1862): A descrição original de *brasiliensis* por Felder (1862:125-126) parece ter sido interpretada erroneamente por G. Weymer ("Seitz", vol. 5:177) e F. M. Brown (1948:66-67). Felder descreve primeiro sua forma nova *brasiliensis*, mencionando os pontos pretos e brancos perto do ápice da asa anterior ("punctum nigrum apud plicam primam discoidalem et supra id punctum album"). Depois, não continua mais na descrição da própria *brasiliensis*, mas descreve as propriedades da *lena* (L.) típica, resultando as de *brasiliensis* só de modo indireto, pela comparação: "Surinamensia specimina..... alis posticis supra haud violascenti-caeruleo sed plumbeo atomatis maculisque plumbeis multo magis albo foetis discrepant"

(= Os exemplares de Surinam se distinguem pelas manchas das asas posteriores não de côr lilás, porém, esbranquiçadas). Em conseqüência da interpretação errada do texto de Felder, Weymer cria a forma *glaucolena*, aceita também por Brown. *Glaucolena* Weymer, 1910, é um sinônimo absoluto de *brasilensis* Felder, 1862.

Pierella lamia (Sulzer, 1776): A sistemática do grupo de "*Pierella rhea* auct." parece ainda um pouco confusa, apesar do esforço de Brown (l.c.), cujo material de proveniência brasileira era aparentemente insuficiente. P. ex. não podemos concordar com o arranjo das formas de "*rhea*" ao longo da costa atlântica, proposta por Brown (1948:72-74) que reúne exemplares de Espírito Santo com outros de Mato Grosso e Bolívia numa espécie diferente (*stollei* Miranda-Ribeiro, 1931). Este problema será discutido em outro lugar. É mister, porém, mencionar já, aqui, que o nome específico "*rhea* Fabr." não pode ser usado para a espécie geralmente conhecida sob esta denominação, pois *Papilio rhea* Fabricius, 1775, é um homônimo de *Papilio rhea* Poda, 1761 (Kirby, 1871:511). O nome mais velho disponível para esta espécie é *Papilio lamia* Sulzer, 1776, que se refere à forma com brilho azulado nas asas posteriores, prevalescendo nas Guianas e na Amazônia. A forma sem êste brilho, sempre chamada "*rhea* Fabr.", necessita de um nome novo para o que propomos *fabricius* n.n. A forma sem brilho (*rhea* aut.) é, pois, *Pierella lamia* (Sulzer, 1776) f. *fabriciana* n.n. Localidade típica é Cayenne (escolhendo a única localidade certa, mencionada na descrição original de *rhea* Fabr.).

EUPTYCHINAE

Euptychia herseis (Godart, 1823) é o nome válido para a espécie geralmente conhecida como *herse* (Cramer), pois *Papilio herse* (Cramer, 1775) é homônimo de *Papilio herse* Hufnagel, 1766 (Kirby, 1871:158).

Euptychia westwoodii Butler, 1866, não pode ser tratada como "forma" de *molina* Huebner (1890:1813), como propõe G. Weymer ("Seitz", vol. 5: 195), mas é uma espécie bem caracterizada, composta de diferentes espécies.

Taygetis andromeda (Cramer, 1776), o nome geralmente usado para a espécie mais frequente do gênero *Taygetis* é um homônimo de *Papilio andromeda* Fabricius, 1775 (nome mencionado acima a propósito do gênero *Cithaerias*): Este fato era já conhecido de Huebner que criou, conseqüentemente, o nome de *Taygetis fatua* para esta espécie (1819:56), caracterizada pela côr mais escura dos ocelos nas células n.º 2 de ambas as asas, no lado inferior, em relação aos outros ocelos. Porém, a forma bem mais rara com êstes ocelos concolores com os outros, possui nomes mais velhos:

Papilio thamyra Cramer, 1779, e *Papilio laches* Fabricius, 1793. O segundo nome deve ser simples sinônimo de *thamyra* Cr., pois na descrição original a diferença da côr dos ocelos não é mencionada ("Ocellis anticarum quinque, posticarum sex"). Quem não dá pêso à eventual diferença da côr dos ocelos — um caráter puramente individual, não subespecífico — pode reunir todos os

exemplares da espécie sob o nome de: *Taygetis thamyra* (Cramer, 1779).

A eventual separação dos exemplares com ocelos de côr diferente levaria à consequência de que a maior parte dos indivíduos desta espécie deveria ser denominada: *Taygetis thamyra* (Cramer, 1779) f. *fatua* Huebner, 1819.

REFERÊNCIAS

- D'ALMEIDA, R. F., 1942: Ligeiras notas sôbre alguns Papilionídeos Americanos (Lep. Rhop.). *Arq. Mus. Paranaense* 2:29-34.
- 1951: Ligeiras observações sôbre o gênero *Cithaerias* Huebner, 1819 (Lep. Satyridae). *Arq. Zool. S. Paulo* 7:493-505, 1 fig., 2 est.
- BATES, H. W., 1864: Contributions to an insect fauna of the Amazons valley — Lepidoptera, Nymphalinae. *J. Entom. London* 2:175-213, 311-346.
- 1868: Catalogue of Erycinidae. *J. Linn. Soc. London, Zool.*, 9:367-459.
- BROWN, F. M., 1948: Taxonomy and distribution of the genus *Pierella* (Lepidoptera). *Ann. Carnegie Mus.* 31:49-87, 11 fig.
- CROTCH, G. R., 1872: On the generic nomenclature of Lepidoptera. *Cistula Entomologica* (London) 1:59-71.
- FELDER, C. & R., 1862: Specimen faunae lepidopterologicae riparum fluminis Negro superioris in Brasilia septentrionali. *Wiener Entom. Monatsschrift* 6:65-80, 109-126, 175-192, 229-234.
- FORBES, W. T. M., 1930: A new *Mechanitis* (Lepidoptera, Nymphalidae). *J. N. Y. Ent. Soc.* 38:317-318.
- 1948: A second review of *Melinaea* and *Mechanitis* (Lepidoptera, Ithomiidae). *Ibidem* 56:1-24, 2 figs., 2 est.
- FORSTER, W., 1956: Beiträge zur Kenntniss der Insektenfauna Boliviens. I: Lepidoptera. *Veröff. Zool. Staat Samml. Münch.* 3:81-160, 9 pls.
- FRUHSTORFER, H., 1907: Verzeichnis der von Herrn Dr. Theodor Koch-Grünberg am oberen Waupes 1903-1905 gesammelten Rhopaloceren mit Besprechung Verwandter Arten. *Stett. Ent. Ztg.* 68:117-309, 2 est.
- 1912: Neue Nymphaliden des neotropischen Gebietes aus der Sammlung Staudinger. *Entom. Rundschau* 29:14-15.
- GOODSON, F. W., 1945: Notes and descriptions of new species of American Theclinae contained in the British Museum (Natural History) (Lep. Lycaenidae). *The Entomologist* 78:169-171, 184-187.
- HAYWARD, K. J., 1951: Guía para la clasificación de las especies y formas argentinas de la familia Papilionidae. *Acta Zool. Lilloana* 12:279-330, 8 est.
- KAYE, W. J., 1904: A catalogue of the Lepidoptera Rhopalocera of Trinidad. *Trans. Ent. Soc. London* 1904:159-224, est. 18, figs. 6-10.
- 1921: A catalogue of the Trinidad Lepidoptera Rhopalocera (butterflies). *Mem. Dep. Agric. Trin. Tob.* 2: XII + 163 pp., 1 est.
- KIRBY, W. F., 1871: *A synonymic catalogue of diurnal Lepidoptera.* VII + 690 pp. I. van Voorst. London.

- ROSA, M., 1926: Lepidopteros do norte do Brasil. *Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro* 2(4):23-24.
- ROTHSCHILD, W. & K. JORDAN, 1906: A revision of the American Papilios. *Novit. Zool.* 13:411-753, est. 4-9.
- SCUDDER, S. H., 1875: Historical sketch of the generic names proposed for butterflies. *Proc. Amer. Acad. Arts Sci.* 10:91-293.
- STAUDINGER, O., 1884-1888: *Exotische Tagfalter in systematischer Reihenfolge mit Berücksichtigung neuer Arten.* 333 pp., 100 est., 1 mapa. G. Löwensohn. Fürth (Bay).
- STICHEL, H., 1909: Vorarbeiten zu einer Revision der Riodinidae II. *Berl. Ent. Zeit.* 54:1-48.
- 1910-1911: *Lepidoptera Rhopalocera Fam. Riodinidae; Genera Insectorum* 112: 452 pp., 27 est. Bruxelles.
 - 1915: Ueber Riodinidae des Britishen Museums und anschliessende Betrachtungen. *Deut. Ent. Zeit.* 1915:657-700, 4 est.
 - 1929: Die Veröffentlichungen über Erycinidae von A. Seitz im Spiegelbild der Kritik (Lep. Rhop.) II. *Deut. Ent. Zeit. Iris.* 43:85-156.
 - 1930-1931: *Riodinidae; Lepid. Catal.* 38, 40, 41, 44: 795 pp. W. Junk. Berlin.

